

Israel: democracias não fecham entidades de direitos humanos



Por PAULO SÉRGIO PINHEIRO*

Quando defensores de direitos humanos são atacados, não importa o país, impõe-se sermos solidários

Durante quatro anos, de 2003 a 2007, atuei como Independent Expert do secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), nomeado por Kofi Annan, para preparar o Relatório Mundial sobre Violência contra criança, publicado em 2006. Visitei sessenta e cinco países e organizei nove grandes encontros nos diferentes continentes. Sempre contei com a colaboração, além das agências da ONU, de entidades da sociedade civil como a *Defense for Children International* (Defesa de Crianças Internacional - DCI), criada em 1979 visando a promoção e a proteção dos direitos articulados na Convenção Internacional dos direitos da criança, com bases em 38 países e com representação na ONU em Nova Iorque. Na Palestina, [oferecem assistência jurídica](#) às 175 crianças presas em Israel, algumas com menos de 10 anos.

Qual foi meu horror quando li no *Haaretz*, o mais antigo e prestigioso jornal de Israel, que em 15 de agosto as forças de segurança de Israel invadiram e lacraram os escritórios da *Defense for Children International* em Ramallah. Além dessa, outras organizações palestinas de direitos humanos - reconhecidas pelas grandes organizações de direitos humanos israelenses - foram atingidas, como a Al-Haq, a mais antiga, que recorre ao direito internacional para combater a ocupação militar e a violência dos colonos israelenses, a Associação de Direitos Humanos e Apoio a Prisioneiros (Addameer), o Sindicato das Comissões de Trabalho Agrícola, o Centro Bisan para Pesquisa e Desenvolvimento, os Comitês da União de Mulheres e o Sindicato dos Comitês de Trabalho em Saúde.

Esses grupos têm o mesmo perfil que a Comissão Arns. Trabalham, como nós, com mulheres, crianças, famílias camponesas, prisioneiros e ativistas da sociedade civil. Todos envolvidos em documentar abusos de direitos humanos por parte de Israel, mas também violações pela Autoridade Palestina, quando prende ativistas e oposições.

Esses *raids* brutais se originam na acusação pelo governo de Israel dessas organizações serem 'organizações terroristas', sem nenhuma evidência pública concreta e crível dessas por supostas ligações com o terrorismo. Essa designação foi condenada por nossos parceiros, como Anistia Internacional, *Human Rights Watch* e pelo Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR), que a considerou um "ataque frontal ao movimento palestino de direitos humanos e aos direitos humanos em todo o mundo".

Logo depois daqueles *raids*, para expressar seu apoio às entidades, 17 missões diplomáticas - claro, o Brasil nem pensar! - se reuniram em Ramallah com os dirigentes daquelas entidades: Alemanha, Bélgica, Chile, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, México, Noruega, Polônia, Reino Unido, Suécia, União Europeia (UE).

Os Estados Unidos disseram que "organizações independentes da sociedade civil na Cisjordânia e em Israel devem poder continuar seu importante trabalho". Josep Borrell, chefe da diplomacia da União Europeia, afirmou que "a União Europeia continuará a respeitar o direito internacional e a apoiar as organizações da sociedade civil". O OHCHR declarou que, não havendo nenhuma evidência para justificar essas ações, "os fechamentos parecem totalmente arbitrários". Para o secretário-Geral da ONU, "em todos os países, as autoridades precisam ter um cuidado especial para garantir que grupos de direitos humanos e organizações da sociedade civil possam realizar seu trabalho sem impedimentos", e pediu a proteção daqueles grupos da sociedade civil palestina.

Aqui, vão repetir, por que essa fixação com palestinos e Israel? Esse país ocupa faz 55 anos a Cisjordânia, submetendo seus habitantes a um regime legal de *apartheid* em dois níveis: os cerca de 390 mil colonos judeus vivem sob a lei civil

a terra é redonda

israelense e seus mais de 2 milhões de vizinhos palestinos, sob regime militar. Apesar disso, Israel se apresenta ao mundo, e aqui no Brasil, como a “única democracia no Oriente Médio”.

Ora, democracias não perseguem defensores de direitos humanos, não acusam suas organizações de terrorismo sem provas, nem invadem, confiscam seus arquivos e lacram suas sedes, para silenciá-los. Essas práticas ocorrem somente em autocracias e em ditaduras, como aconteceu aqui no Brasil, por 21 anos.

Esses *raids* são atentados contra o movimento global de direitos humanos que nós no Brasil tanto prezamos. Quando defensores de direitos humanos são atacados, não importa o país, impõe-se sermos solidários. Da mesma forma que necessitamos da solidariedade externa quando estávamos sob uma ditadura. E que precisaremos novamente, caso a extrema direita não seja derrotada nas eleições de outubro.

***Paulo Sérgio Pinheiro** é professor aposentado de ciência política na USP; ex-ministro dos Direitos Humanos; relator especial da ONU para a Síria e membro da Comissão Arns. Autor, entre outros livros, de *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935* (Companhia das Letras).

O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.
[Clique aqui e veja como](#)